

Economistas aprovam as restrições

CRISTINA ALVES

As medidas para restringir o consumo e limitar a entrada de dólares no país servirão para manter a inflação sob controle até que o presidente eleito tome posse, em janeiro, e possa realizar as medidas necessárias para viabilizar a estabilização, como a reforma fiscal e da Previdência. O economista Paulo Guedes diz que o objetivo da equipe econômica, com as medidas, foi ocupar um "vácuo de poder" enquanto o presidente Fernando Henrique não toma posse.

Com estas restrições, o governo prepara o terreno para manter a inflação administrada até a virada do ano para que Fernando Henrique Cardoso possa iniciar a revisão constitucional e as reformas fiscal e da Previdência. Guedes considera fundamental que o governo mantenha o controle sobre a expansão da moeda e acredita que isso só será viável com a criação, em 1995, de um Banco Central independente.

Câmbio — O ex-presidente do BC Gustavo Loyola também acredita que as medidas tomadas pelo governo eram necessárias para conter a demanda e manter a inflação estabilizada. Loyola diz que as medidas eram inevitáveis e acrescenta que, com a atuação dos últimos dias, o BC passou a trabalhar com um sistema de bandas no câmbio.

A partir de um determinado preço, ele compra e vende dólar.

O professor Luiz Roberto Cunha, da PUC-Rio, também elogiou as medidas. "A estabilidade é um processo longo e requer ajustes no meio do caminho." Cunha diz que, até dezembro, a expectativa é de que a inflação fique em torno de 2,5%. Para este mês, ele prevê um índice entre 1,7% e 1,8% para o IPC-r, enquanto a inflação da Fipe deve ficar em 2,8%.

Carlos Thadeu de Freitas Gomes, professor do Ibmecc, lembra que as taxas de risco para operações com o Brasil vêm caindo nas últimas semanas, estimulando a entrada de capital externo. Ao seguir esta enxurrada de dólares, o governo evita que o real fique sobrevalorizado em relação ao dólar.